

Fall 10-1-2023

Uma particularidade espiritana? Considerações históricas sobre o período entre o des Places e o Libermann.

Jotham Parsons

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Parsons, J. (2023). Uma particularidade espiritana? Considerações históricas sobre o período entre o des Places e o Libermann.. *Horizontes Espiritanos*, 20 (20). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol20/iss20/4>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection. For more information, please contact beharyr@duq.edu.

Jotham Parsons.



Jotham Parsons é Professor Sénior de História na Universidade Duquesne do Espírito Santo. A especialidade dele é a história do princípio da Europa moderna, particularmente da França dos séculos XVI e XVII. A maioria dos seus livros centra-se na vida religiosa durante o Antigo Regime, incluindo *The Church in the Republic: Gallicanism and Political Ideology in Renaissance France* [A Igreja e a República: Galicanismo e Ideologia Política na França do Renascimento] (CUA Press, 2005). Recentemente, ajudou a preparar e apresentar dois volumes de traduções de panfletos anti-jesuítas (com Patricia Ranum e Robert Maryks, S.J.) : *Etienne Pasquier, The Jesuits' Catechism (1602) or Their Doctrine Exposed* [O catecismo dos jesuítas (1602) ou a exposição da sua doutrina] (Brill, 2022) ; e as versões de Pierre-Jean Grosley, *Reflections on the Attempted Assassination of the King of Portugal* [Reflexões sobre a tentativa de assassinio do rei de Portugal], e Jean le Rond d'Alembert, *On the Destruction of the Jesuits in France* [Sobre a destruição dos jesuítas em França] (a sair pela Brill).

UMA PARTICULARIDADE ESPIRITANA? CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O PERÍODO ENTRE O DES PLACES E O LIBERMANN

INTRODUÇÃO

Quando se quer saber o que há de especial nos Espiritanos, talvez não seja ao historiador que se deva recorrer para obter a resposta. Em virtude da sua formação e da sua metodologia, os historiadores sentem-se mais à vontade para traçar linhas de influência e de continuidade, por vezes obscuras, do que para enfrentar a inovação e a novidade. Mas este tipo de exercício histórico continua a ser valioso, pelo menos por duas razões. Em primeiro lugar, uma análise do contexto e dos acontecimentos passados é uma condição prévia necessária para discernir o que é novo e diferente. Mais interessante ainda é o facto de que as organizações, tal como os seres humanos, derivam geralmente a sua especificidade não duma rutura radical com o passado, mas da forma como combinam a vasta diversidade pré-existente do seu património genético e cultural. O acaso, as circunstâncias e a escolha consciente conduziram os primeiros espiritanos a determinados modelos organizacionais e conceptuais que, por sua vez, moldaram a missão, a estrutura e o espírito da organização nascente. As raízes deste processo remontam a um passado longínquo, que naturalmente se prolongou até aos nossos dias; limitar-me-ei aqui sobretudo, por um lado, ao contexto de um longo século XVII, a que os franceses

chamam o "siècle des saints", e, por outro, ao desenvolvimento dos Espiritanos na sua primeira fundação, e depois às implicações do seu legado durante o "*ancien régime*" e a monarquia restaurada, até 1848.

ALGUNS ELEMENTOS DE CONTEXTO HISTÓRICO

Estas comunidades podiam estabelecer-se em qualquer lugar, funcionar com o mínimo de apoio e manter ideais não só de modéstia e solidariedade caritativa, mas também de formação literária e de comunidade cívica, todos eles ameaçados fora dos muros dos mosteiros.

Em 1700, quando Claude Poullart des Places começa a refletir sobre a sua nova iniciativa, o leque de modelos possíveis é verdadeiramente enorme.

No entanto, é possível esboçar brevemente as perspectivas gerais que se apresentavam aos primeiros espiritanos, como se situavam nessas possibilidades e o que eles e os seus contemporâneos consideravam como elementos essenciais para a sua tomada de decisão. O modelo monástico que constitui a base da vida regular na Igreja Católica Romana surgiu no final do século V e no início do século VI.¹ O modelo de

comunidades relativamente autónomas e auto-su-

ficientes, geralmente baseadas na agricultura e regidas por regras em forma escrita e por uma democracia interna limitada, sob a liderança de um abade, foi estabelecido numa altura em que o Império Romano do Ocidente estava nos seus últimos estertores. Este modelo não foi reservado aos mosteiros italianos associados ao nome de Bento de Núrsia, embora a versão beneditina se tenha estabelecida rapidamente. Em todo o caso, adaptou-se perfeitamente às circunstâncias históricas.² Num contexto de rápida deterioração das infra-estruturas culturais, políticas e económicas, em que o caos e a brutalidade estavam na ordem do dia, estas comunidades podiam estabelecer-se em qualquer lugar, funcionar com o mínimo de apoio e manter ideais não só de modéstia e solidariedade caritativa, mas também de formação literária e de comunidade cívica, todos eles ameaçados fora dos muros dos mosteiros. Quinhentos anos mais tarde, com o regresso lento da segurança, da população e da prosperidade, o modelo benediti-

1. Ver, por exemplo, a panorâmica clássica de R. W. Southern em *Western Society and the Church in the Middle Ages* [A Sociedade Ocidental e a Igreja na Idade Média]. Harmondsworth: Penguin, 1970, pp. 214-99.

2. Henry Koren, "Four Religious Rebels [Quatro rebeldes religiosos]", na mesma obra: *Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History* [Ensaio sobre o carisma espiritano e sobre a história espiritana]. Bethel Park, Penn, Spiritus Press, 1990, 35-70, oferece uma interessante reflexão sobre des Places e Libermann no contexto de Bento, Francisco e Inácio (e são cinco, não quatro rebeldes, se bem contei!). Note-se que este pequeno livro é, em geral, bastante pertinente e adequado ao nosso tema.

no sofreu uma espécie de radiação, diversificando a sua organização interna e as suas ênfases espirituais, ao mesmo tempo que experimentava organizações pan-europeias mais centralizadas, como os monges de Cluny e dos Premonstratenses.

O século XII assistiu a experiências mais radicais, que culminaram com a fundação das ordens mendicantes (sobretudo os dominicanos e os franciscanos). Mais centralizados, menos enclausurados e mais orientados para a ação pastoral do que os seus antecessores, produziram os directores espirituais, os educadores e, menos felizmente, os inquisidores que uma sociedade cada vez mais complexa, fervorosa e fortemente governada exigia. Em parte devido à reação contra esta explosão de criatividade e em parte devido ao período de declínio económico e demográfico que se instalou durante o século XIV, as fundações dos últimos séculos da Idade Média eram geralmente variações ou reformas de ordens existentes, mas o Renascimento e a crise da Reforma Protestante alteraram

novamente este padrão. Em termos gerais, as comunidades regulares fundadas à sombra do Concílio de Trento seguiram o modelo mendicante de centralização, ênfase pastoral e diversificação, mas (normalmente) sem a sua ênfase distintiva na pobreza radical. Das novas ordens e congregações do século XVI, evidentemente, nenhuma teve tanta influência, pelo menos para os Espiritanos, como a Companhia de Jesus. Os jesuítas, que (pelo menos no seu próprio espírito) foram durante algum tempo praticamente sinónimos do catolicismo tridentino, não precisam de apresentações. Oficialmente, distinguem-se

Das novas ordens e congregações do século XVI, [...] nenhuma teve tanta influência, pelo menos para os Espiritanos, como a Companhia de Jesus.

pelo seu "quarto voto", que consiste em disponibilizarem-se para qualquer missão que lhes seja confiada pelo Papa. Os críticos da Companhia não se enganaram totalmente ao verem nisto um sinal duma centralização ainda maior e um compromisso (nunca tão absoluto como muitos imaginavam) com uma eclesiologia e uma teologia ultramontanas; mas este voto reflecte também algo mais difuso na sua prática e nas situações em que se encontraram. A sua disponibilidade para assumir virtualmente qualquer tarefa pastoral, incluindo o trabalho básico de pregação, catequese e trabalho missionário em áreas rurais carentes, rapidamente se tornou uma característica fundamental da Sociedade. Conforme as suas origens como grupo de jovens académicos, a importância que a sua regra atribuía à formação educacional e a explosão do ensino superior na Europa, provocada pela competição confessional, pela expansão económica e pelas mudanças na cultura

O século XII assistiu a experiências mais radicais, que culminaram com a fundação das ordens mendicantes.

das elites, os jesuítas rapidamente se tornaram conhecidos como académicos e educadores; no início do século XVII, estavam à frente duma rede incomparável de colégios e universidades destinados principalmente a fornecer educação geral a leigos católicos.³

O outro domínio em que os papas recorreram aos jesuítas foi o das missões ultramarinas. Desde o século VI, o trabalho missionário tinha sido uma especialidade das ordens regulares devido à portabilidade do modelo monástico, ao relativo sucesso cultural e às vantagens práticas e carismáticas da disciplina monástica e do seu ascetismo. No entanto, o novo alcance global do poder e do comércio europeus e a ascensão dos Estados confessionais católicos significavam que, mesmo quando não se realizava dentro dos limites dos impérios ultramarinos da Europa, a atividade missionária implicava uma coordenação estreita não só com o papado, mas também com os vários governos europeus. A Companhia desenvolveu relações particularmente estreitas com Portugal e, quando a França se estabeleceu na América do Norte, os jesuítas assumiram o papel de missionários junto dos povos indígenas da região.

No início do século XVII, os jesuítas estavam à frente duma rede incomparável de colégios e universidades destinados principalmente a fornecer educação geral a leigos católicos.

O CATOLICISMO FRANCÊS DO SÉCULO XVII E AS MISSÕES

A Nova França revelou-se um microcosmo interessante do catolicismo francês do século XVII que moldou os primeiros espíritanos. Enquanto os jesuítas vindos dos colégios do Velho Mundo procuravam convertidos entre as Primeiras Nações, a crescente população franco-americana devia, em princípio, ser cuidada pelo clero secular, o qual também iria beneficiar da revolução tridentina no ensino superior. De facto, em 1663, o muito aristocrático vigário apostólico da Nova França, François de Montmorency-Laval, funda um seminário para a diocese do Quebeque, que ainda não existia (o estatuto ser-lhe-á concedido em 1674). Tal como muitas outras empresas do género no mundo francês do século XVII, não tinha fundos suficientes e centrava-se mais na formação profissional e numa espécie de estrutura comunitária para o clero existente do que na educação daqueles que ainda não tinham sido ordenados. Dadas as condições particulares da América do Norte, Laval também associou o seminário a um outro projeto em que estava envolvido em Paris: o novo Seminário das Missões Estrangeiras, criado com um estatuto canónico algo anómalo por um consórcio de vigários apostólicos franceses. O seu principal objectivo era preparar sacerdotes para as missões na Indochina

3. A obra padrão sobre os primórdios da missão jesuíta é John O'Malley, *The First Jesuits* [Os primeiros jesuítas]. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1993.

e noutras partes da Ásia, em nome da Sociedade das Missões Estrangeiras, com a qual estava intimamente associado, mas também assumiu outras funções.⁴ Além disso, esta união não se revelou perfeitamente harmoniosa; os sucessores de Laval estavam muitas vezes em desacordo com o seu seminário, que criticavam por minar a autoridade episcopal e não fazer o suficiente para promover o trabalho pastoral nas (muitas) regiões inóspitas do Canadá francês.⁵ Para colmatar estas supostas lacunas, acabaram por recorrer a uma fundação parisiense semelhante, embora um pouco mais recente, o Seminário do Espírito Santo, chegando mesmo a pensar em confiar-lhe a supervisão do Seminário do Quebeque.⁶ Mas essa é uma outra história que nos leva demasiado

No século XVII, multiplicam-se os projectos destinados a educar cristãmente as populações desfavorecidas.

A França respondeu de forma [...] vigorosa ao imperativo tridentino [...] de transformar a Europa numa sociedade profundamente católica.

longe. Dum modo geral, no século XVII, multiplicam-se os projectos destinados a educar cristãmente as populações desfavorecidas do mundo francês ou a preparar pessoas para esse ministério.⁷ Enquanto o envolvimento francês na evangelização ultramarina se desenvolvia lentamente, a par dos empreendimentos comerciais e coloniais do reino, a França respondeu de forma excepcionalmente precoce e vigorosa ao imperativo tridentino paralelo de transformar a Europa numa sociedade profundamente católica, com especial incidência naquilo

que as elites consideravam ser as classes socio-económicas mais baixas subcristianizadas. Foi talvez, como sugerem os historiadores, uma extensão da dinâmica, por vezes brutal, das Cruzadas, que emergiu na fase final das guerras civis entre católicos e protestantes; a convicção cultural e política resultante duma posição proeminente reconquistada na Europa também desempenhou, sem dúvida, um papel neste processo.⁸

4. A história inicial das Missões Estrangeiras, para não falar do seu seminário, tem sido pouco estudada, mas para mais informações, ver Ronald S. Love, "Monarchs, Merchants, and Missionaries in Early Modern Asia: The Missions Étrangères in Siam, 1662-1684 [Monarcas, comerciantes e missionários no início da Ásia moderna: missões estrangeiras no Sião, 1662-1684]", *The International History Review*, 21, 1999, 1-27.

5. Ver o relato completo em Noël Baillargeon, *Le Séminaire de Québec de 1685 à 1760* [O Seminário do Quebeque de 1685 a 1760]. Québec: Presses de l'Université Laval, 1977.

6. Ver Henry Koren, *To the Ends of the Earth: A General History of the Congregation of the Holy Ghost* [Até os confins da Terra: Uma História Geral da Congregação do Espírito Santo]. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1983, 41-85.

7. Para uma boa panorâmica da proliferação de fundações religiosas na Era dos Santos, ver Joseph Bergin, *Church, Society, And Religious Change in France 1580-1730* [Igreja, Sociedade e Mudança Religiosa em França 1580-1730]. New Haven: Yale University Press, 2009, 61-154.

8. Ver, por exemplo, Barbara Diefendorf, *Planting the Cross: Catholic Reform and Re-*

A "ESCOLA FRANCESA" DE ESPIRITUALIDADE E A MISSÃO

Estes factores culturais estavam profundamente entrelaçados numa espiritualidade distinta, ou mesmo, à medida que o século avançava, num conjunto de espiritualidades. Aquilo a que Henri Bremond chamou a famosa "Escola francesa de espiritualidade" foi teorizado primeiro e mais influentemente por Francisco de Sales, bispo da diocese desaparecida de Genebra.⁹ Aberto à experiência contemplativa e mística, tendia ao mesmo tempo a apresentar a salvação como um drama de ação no mundo. *A Introduction à la vie dévote* [Introdução à vida devota] de Francisco de Sales, que foi uma obra seminal, oferecia conselhos especificamente dirigidos a leigos (e mulheres) empenhados¹⁰. Idealmente, a vontade humana pecadora, provavelmente com a ajuda dum diretor espiritual santo e competente, será subjugada pela vontade divina; e a Escola Francesa, em todas as suas formas, tomou a peito a identificação agostiniana da caridade como essencial à natureza divina e, portanto, à vontade conforme a Deus. Sendo a caridade uma ação, e não um mero sentimento, isso implica necessariamente que a

vida piedosa seja uma vida de serviço aos outros: ao próximo, aos espiritualmente pobres, mas certamente também aos socioeconomicamente pobres, que não faltaram neste século economicamente precário. Esta caridade era particularmente adequada às elites ricas e seculares e, ao longo do século, este sector do laicado dedicou enormes esforços e dinheiro a obras de caridade inspiradas por este tipo de perspectivas. Mas, inevitavelmente, fizeram-no em colaboração com o clero e, de forma igualmente inevitável, os ideais espirituais da Escola Francesa também influenciaram o clero. O cardeal Pierre Bérulle e o Oratório, que ele ajudou a fundar segundo o modelo romano de Filipe Néri, foram talvez o veículo mais importante para o desenvolvimento desta espiritualidade no seio do clero (o que não impediu que tivesse influência no grande público: os Oratorianos tornaram-se uma ordem de ensino semelhante aos Jesuítas

Sendo a caridade uma ação, e não um mero sentimento, isso implica necessariamente que a vida piedosa seja uma vida de serviço aos outros.

A Escola Francesa, [...] tomou a peito a identificação agostiniana da caridade como essencial [...] à vontade conforme a Deus.

newal in Sixteenth- and Seventeenth-Century France. [Plantando a Cruz: Reforma Católica e Renovação na França dos séculos XVI e XVII]. Oxford, Oxford University Press, 2019.

9. Henri BREMOND, *Histoire littéraire du sentiment religieux in France depuis la fin des guerres de religion jusqu'à nos jours* [História literária do sentimento religioso em França desde o fim das guerras de religião até aos nossos dias], vol. 1. Paris, Bloud et Gay, 1916.

10. Francis de Sales, *Introduction to the Devout Life* [Francisco de Sales, Introdução à vida devota]. New York, Vintage Books, 2002.

e em concorrência com eles). O Padre Jean-Jacques Olier, um sacerdote fortemente influenciado por Charles de Condren, o sucessor de Bérulle à frente do Oratório francês, contribuiu muito para introduzir esta tendência na formação dos clérigos. A Companhia de Saint-Sulpice, fundada por Olier na paróquia parisiense com o mesmo nome, em 1645, foi influente e invulgar na sua organização, na medida em que se tratava duma associação de padres diocesanos e não duma congregação regular. Este facto não a impediu de participar nas missões domésticas, bem como no trabalho missionário no Canadá,

Jean-Jacques Olier, [...] o sucessor de Bérulle à frente do Oratório francês, contribuiu muito para introduzir esta tendência na formação dos clérigos.

Os Lazaristas [...] combinavam o trabalho missionário urbano e rural com a gestão de vários seminários diocesanos.

onde assumiu na região de Montreal, numa data ainda mais precoce, mais ou menos o mesmo papel que as Missões Estrangeiras desempenhavam no Quebec.¹¹ A Congregação da Missão, fundada em 1625 por outro discípulo de Bérulle, Vicente de Paulo, e seus afiliados (assim como as Filhas da Caridade de sua associada, Luísa de Marillac) eram ainda mais importantes e influentes junto do público em geral.¹² Os Lazaristas, como eram conhecidos em França devido à sua sede em Paris numa antiga colónia de leprosos, combinavam o trabalho missionário urbano e rural com a gestão de vários seminários diocesanos com a esperança de formar

padres seculares para um ministério semelhante.

Outro membro da primeira geração de oratorianos franceses, Jean Eudes, deixou a congregação em 1643 para fundar um seminário em Caen. Ele e os seus colegas acabaram por formar a Congregação de Jesus e Maria (mais sucintamente, os Eudistas), com um objectivo semelhante ao dos Sulpicianos ou Lazaristas, mas

-
11. Sobre os Sulpicianos em geral, ver Philippe Molac, *Histoire d'un dynamisme apostolique: la compagnie des prêtres de Saint-Sulpice* [História de um dinamismo apostólico: a companhia dos padres de Saint-Sulpice], Paris, Cerf, 2008; sobre a missão de Montreal, John Alexander Dickinson et Olivier Hubert, *Les Sulpiciens de Montréal: une histoire de pouvoir et de discrétion, 1657-2007* [Os Sulpicianos de Montreal: uma história de poder e de discrição, 1657-2007], Montréal, Fides, 2007. Os primeiros Sulpicianos chegaram a Montreal em 1657.
12. Ver o belo inquérito de Alison Forrestal, *Vincent de Paul, the Lazarist Mission, and French Catholic Reform* [Vicente de Paulo, a Missão Lazarista e a Reforma Católica Francesa]. Oxford, Oxford University Press, 2017. A família das organizações vicentinas é suficientemente complexa e diversificada para ter sido objeto de um verdadeiro estudo genealógico: Betty Ann McNeil, *The Vincentian Family Tree: A Genealogical Study* [A árvore genealógica vicentina: um estudo genealógico]. Chicago, Vincentian Studies Institute, 1996.

Os Eudistas [...] dirigiram um seminário em Rennes a partir de 1670 - e tiveram provavelmente uma influência significativa no jovem Poullart des Places.

com uma ênfase especial na promoção das missões rurais e nas vocações de homens de meios modestos.¹³ Estes eram particularmente activos não só na Normandia, mas também na vizinha Bretanha - dirigiram um seminário em Rennes a partir de 1670 - e tiveram provavelmente uma influência significativa no jovem Poullart des Places. Outra particularidade dos Eudistas é o facto de, tal como os Jesuítas, mas ao contrário dos Oratorianos - ou do clero secular de Paris em geral - se oporem largamente ao movimento jansenista.¹⁴ Não há certamente espaço para repetir aqui os pormenores teológicos desta luta amarga e mortífera, mas as suas disputas abstrusas sobre a natureza da graça transbordaram para diferenças nas práticas pastorais. Os jansenistas e os seus opositores estavam todos empenhados na evangelização dos mais pobres, mas os primeiros acreditavam que esta deveria ser levada a cabo em grande parte pelo clero secular, e as partes divergiam quanto aos papéis relativos da pregação, da prática sacramental e das devoções populares na atividade missionária. Os jansenistas, em grande parte por razões contingentes, também desempenharam pouco papel nas missões ultramarinas, facto que os jesuítas não hesitaram em assinalar-lhes.¹⁵ Assim, o partido anti-jansenista com o qual os espiritanos se alinharam tendia a identificar-se mais com uma missão universal do que o faziam os seus opositores.

O partido anti-jansenista com o qual os espiritanos se alinharam tendia a identificar-se mais com uma missão universal.

CLAUDE POUILLART DES PLACES E OS ESTUDANTES POBRES

É neste contexto institucional que Poullart des Places fundou a sua comunidade do Espírito Santo. O seu principal objectivo - ajudar os jovens de meios

13. Sobre a história anterior dos Eudistas, ver Guillaume de Bertier de Sauvigny, *Au service de l'Église de France: les Eudistes, 1680-1791* [Ao serviço da Igreja de França: os Eudistas, 1680-1791]. Paris, SPM, 1999.
14. William Doyle, *Jansenism: Catholic Resistance to Authority from the Reformation to the French Revolution* [jansenismo: resistencia católica à autoridade desde a Reforma até à Revolução Francesa]. London, MacMillan, 2000; et Bergin, *Church, Society* [Igreja, sociedade], pp. 394-424 são bons pontos de partida sobre este assunto. Os Sulpicianos e os Lazaristas também permaneceram sempre anti-jansenistas.
15. O teto de Sant' Ignazio em Campo Marzio, em Roma, pintado pelo jesuíta Andrea Pozzo, por volta de 1685, representa a participação dos jesuítas na salvação dos quatro continentes; provocou comentários mordazes por parte dos jansenistas franceses.

modestos nos seus estudos para o sacerdócio e promover as vocações para o serviço pastoral e missionário aos pobres - tinha sido uma preocupação central da Igreja francesa na Idade dos Santos, e a Universidade de Paris tinha uma longa tradição de estruturas comunitárias para alojar e apoiar os seus académicos, geralmente sob a forma de escolas de formação de professores. Poullart des Places poderia, portanto, ter-se perguntado por que razão as instituições existentes não eram suficientes. Parte da resposta, e da especificidade da sua comunidade, encontra-se em contingências muito prosaicas. Por volta de 1700, a França atravessava uma grave crise social, política e, sobretudo, económica. As despesas esmagadoras da Guerra da Sucessão Espanhola, na qual os franceses tinham sofrido uma série de derrotas importantes, combinadas com algumas das piores colheitas do início do período moderno e o mal-estar geral deixado pelos quarenta anos de governo pessoal dum Luís XIV cada vez mais desligado, tinham praticamente posto o reino de joelhos.¹⁶ Portanto, a necessidade de apoiar os pobres, incluindo as suas vocações, aumentou, mas os recursos disponíveis para esse apoio diminuíram em conformidade. O momento já não era propício à fundação de grandes organizações ricamente dotadas pelo rei, pela nobreza da corte e por eclesiásticos eminentes, como tinha sido o caso de muitas ordens do século XVII. Durante a crise, as próprias ordens estavam mais preocupadas em preservar-se do que em continuar a expandir-se.

Assim, o carácter dos primeiros espiritanos como comunidade modesta, ou mesmo minimalista, separada embora dependente duma ordem mais estabelecida, os jesuítas, correspondia a uma diferença imposta pelas circunstâncias; embora, evidentemente, haja muito na tradição cristã que sugere que a virtude pode ser derivada desta necessidade. Os traços desta necessidade são fáceis de detetar nos documentos da comunidade, particularmente na sua primeira *Regra*¹⁷ (claramente obra de Poullart des Places, provavelmente em 1706 ou 1707). Vejamos o exemplo duma quase obsessão pela comida. O ecónomo devia ser "extremamente frugal" e o cozinheiro devia levar esta característica ao extremo, "indo buscar aos reverendos padres

O carácter dos primeiros espiritanos como comunidade modesta, ou mesmo minimalista, [...] correspondia a uma diferença imposta pelas circunstâncias.

16. Sur l'état désastreux de l'économie politique française dans les années de la guerre de Succession d'Espagne, voir Guy Rowlands, *The Financial Decline of a Great Power: War, Influence, and Money in Louis XIV's France* [O declínio financeiro duma grande potência: guerra, influência e dinheiro na França de Luís XIV]. Oxford, Oxford University Press, 2012, especialmente pp. 20-30 e p. 53.

17. Os elementos essenciais aqui discutidos foram incluídos na regra formal de 1734. Ver John Daly, ed, *Spiritian Wellsprings: The Original Rules, with Commentaries, of the Holy Ghost Congregation* [Fontes espiritanas: as Regras originais, com comentários, da Congregação do Espírito Santo]. Dublin, Paraclite Press, 1986, 43-56.

Na primeira Regra de des Places, esta devoção quase franciscana à pobreza está associada à característica combinação pós-salesiana de apagamento de si perante Deus e perante a caridade divina.

jesuítas os restos que eles têm a caridade de nos dar", o que dá uma ideia da importância que o projeto de des Places atribuía a esta ordem. Os residentes "não hão-de elogiar nem criticar o que acabaram de comer", receberão porções rigorosamente idênticas (incluindo o Superior), nunca comerão fora das refeições comunitárias, etc.¹⁸ Os estudantes do início da era moderna gostavam de se queixar da comida, muitas vezes com

boas razões, e as comunidades estudantis tentavam geralmente minimizar esses problemas; é claro que essas práticas podem ser encontradas na vida das comunidades religiosas já desde São Bento.¹⁹ Mas a ênfase dada a esta questão na *Regra Espiritana* inicial e a forma como foi utilizada para promover um ethos altamente igualitário e uma vida devocional particularmente intelectualizada sugere como factores contingentes podem ter levado os Espiritanos a fazer algo antigo de forma algo inovadora. Um ponto de diferença menos contingente para a comunidade de des Places aparece na primeira frase da sua *Regra*, bem como no seu próprio nome: "[...] todos os alunos adorarão especialmente o Espírito Santo, de quem serão particularmente devotos". Por isso, é natural que celebrem o Pentecostes com particular devoção "[...] para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino".²⁰ Tratava-se dum desenvolvimento direto da piedade pessoal de des Places, como se pode ver, por exemplo, na sua "Oração à Santíssima Trindade", que retoma uma expressão forte, mas não atípica, da escola francesa e a coloca sob a égide duma devoção menos cristocêntrica e mais trinitária. Em particular, tanto nesta oração como na primeira *Regra* de des Places, esta devoção quase franciscana à pobreza está associada à característica combinação pós-salesiana de apagamento de si perante Deus e perante a caridade divina.²¹ O desprendimento pessoal "[...] de todas as criaturas e de mim mesmo, para me apegar só a Ti [...] a minha mente e o meu

18. Henry J. Koren e Maurice Carignan, ed., *The Spiritual Writings of Father Claude Francis Poullart des Places / Les Écrits Spirituels de M. Claude-François Poullart des Places*, [Os escritos espirituais do Sr. Claude-François Poullart des Places]. Pittsburgh, Duquesne University, 1956, 196 (item 157); 214 (227); 178 (73). Todas as citações deste volume são traduções do autor e não do Pe. Koren.

19. Um exemplo clássico deste tropo pode ser encontrado no romance picaresco *El buscón* (1626), de Francisco de Quevedo, livro 1 capítulo. 3. As refeições ocupam um lugar relativamente modesto na *Regra de Bento* (cap. 38-41), que não impõe a rigorosa frugalidade e uniformidade do instituto de des Places.

20. *Spiritual Writings* [Escritos Espirituais], 164 (itens 1-2).

21. Para uma boa descrição recente da situação relativa a estas questões na viragem do século XVIII, ver Bastian Felter Vaucanson, « Between Faith and Works: Fénelon's Conception of Charity for a Monarch [Entre a fé e as obras: a concepção de Fénelon a respeito da caridade para um monarca] », *French Historical Studies*, 46, 2023. 37-56.

coração só por Ti preenchidos" corresponde à abnegação comunitária e ao fogo pentecostal do amor divino da *Regra*, e esta caridade é procurada em particular na Terceira Pessoa da Trindade.²² Identifica-se também, duma forma que é clara noutras partes do modesto corpus de des Places, com a graça particular da vocação para as ordens sagradas, que (como sugeri noutro lugar) se tinha tornado uma preocupação central da devoção católica francesa durante o século

XVII.²³ A primeira fundação espiritana procurava, portanto, abordar uma série de questões práticas e religiosas que tinham preocupado os reformadores franceses durante um século com a instituição fundamentalmente convencional duma comunidade de seminário. Como muitos dos seus contemporâneos, os Espiritanos eram um grupo muito modesto, sem pretensões canónicas: simples associação caritativa até 1734, depois sociedade de padres da Arquidiocese de

Paris até 1855 (como os Sulpicianos) - um carácter proteico que lhes permitiu sobreviver a muitos desafios, incluindo a fusão com a Sociedade do Santíssimo Coração de Maria de Libermann. De facto, a característica mais distintiva da comunidade, a sua dependência dos jesuítas e do seu colégio Louis-le-Grand, teve de ser abandonada a longo prazo, porque os jesuítas foram expulsos de França e os seus colégios secularizados depois de 1761. A diferença entre estes primeiros Espiritanos reside, portanto, em características mais subtis: a modéstia (constrangida) das suas origens e ambições, a configuração particular da piedade pessoal do fundador e a forma como estes dois factores interagiram para produzir uma cultura e uma espiritualidade distintas, centradas nas facetas complementares duma aceitação igualitária da pobreza e uma insistência no aspeto pentecostal da caridade divina como objectivo da prática devocional e mesmo mística. A Sociedade e o Seminário do Espírito

Os jesuítas foram expulsos de França e os seus colégios secularizados depois de 1761.

A característica mais distintiva da comunidade, a sua dependência dos jesuítas e do seu colégio Louis-le-Grand, teve de ser abandonada.

22. *Spiritual Writings* [Escritos espirituais], 260.

23. Voir Jotham Parsons, « Wealth, Poverty, and Vocation in the Life and Times of Claude-François Poullart des Places [Riqueza, pobreza e vocação na vida e no tempo de Claude-François Poullart des Places] ». *Spirititan Horizons* 4, 2009, 35-50; et « Vocation in Seventeenth-Century France: The Catholic Ethic and the Spirit of Étatisme [A vocação em França no século XVII: a ética católica e o espírito do estatismo] ». *French History* 28, 2014, 322-42. Christopher Lane, *Callings and Consequences: The Making of Catholic Vocational Culture in Early Modern France* [Vocações e consequências: o desenvolvimento duma cultura vocacional católica no início da França moderna]. Montréal, McGill-Queen's University Press, 2021, completou esta análise.

A comunidade espiritana continuou a evoluir, mesmo depois de ter encontrado uma certa estabilidade com a Regra de 1734.

Santo do século XVIII tinham primos de primeiro grau em Saint-Sulpice e nas Missões Estrangeiras, bem como entre os Lazaristas e os Eudistas, mas não eram susceptíveis de serem confundidos com nenhum desses primos.

O SURGIMENTO DA MISSÃO ESPIRITANA

A comunidade espiritana continuou a evoluir, mesmo depois de ter encontrado uma certa estabilidade com a *Regra* de 1734. Em particular, desenvolveu-se para além do simples apoio prático e espiritual aos jovens estudantes. Os organismos do Seminário que não estavam imediatamente orientados para as necessidades diocesanas desempenhavam muitas vezes um papel direto na assistência pastoral, quer através de obras de caridade, quer através de missões internas ou missões no estrangeiro. A eclesiologia tridentina, a estreita integração da doutrina do desenvolvimento pessoal e da ação caritativa na escola francesa de espiritualidade e o exemplo forte dos jesuítas favoreceram este tipo de ação; duma forma ou doutra, todos os grupos acima mencionados funcionaram desta maneira, tal como muitos outros, incluindo ordens femininas como as Ursulinas. O próprio Poullart des Places compreendeu e sentiu claramente esta necessidade de integração. Numa passagem impressionante duma crónica espiritual que data dos primeiros anos da comunidade espiritana, ele descreve os seus sentimentos quando decidiu abraçar o estado eclesiástico:

Quería ver-me um dia despojado de tudo, vivendo apenas de esmolas depois de ter dado tudo. Pensava não conservar nada dos meus bens temporais, exceto a minha saúde, que esperava sacrificar inteiramente a Deus na obra das missões, demasiado feliz se, depois de ter inflamado o mundo inteiro com o amor de Deus, pudesse dar até à última gota gota o meu sangue por Aquele cuja misericórdia nunca me terá abandonado.²⁴

Talvez seja o resultado duma leitura da vida de São Francisco, mas o sentimento dominante é muito contemporâneo: tenciona combinar as ordens sagradas e o afastamento do mundo com o abandono à caridade divina e o sacrifício de si próprio num trabalho missionário (aparentemente no estrangeiro).

O facto de nem o próprio des Places nem a sua instituição se terem empenhado imediatamente nesse tipo de trabalho deve-se, sem dúvida, em primeiro

24. *Spiritual Writings* [Escritos espirituais], 132-34; Há algo de jesuíta no conceito de saúde como algo a ser preservado por caridade, assim como na paráfrase de Lucas 12:49 (que está notavelmente inscrita na abóbada de Sant' Ignazio mencionada anteriormente).

lugar, às circunstâncias desfavoráveis do início do século XVIII, mas, à medida que o século avançava, alguns espiritanos e antigos alunos do seminário envolveram-se numa série de projectos desse tipo; Já mencionámos, por exemplo, o seu papel no Canadá e a aparente confusão entre Espiritanos e Missões Estrangeiras, que sem dúvida moldou o carácter Espiritano de formas que são agora difíceis de reconstruir a partir das fontes remanescentes.²⁵ Parece também que

Parece também que houve inicialmente uma espécie de divisão de tarefas entre des Places e a sua comunidade e o seu amigo (santo) Luís Maria Grignion de Montfort.

houve inicialmente uma espécie de divisão de tarefas entre des Places e a sua comunidade e o seu amigo (santo) Luís Maria Grignion de Montfort, antigo aluno do seminário de Saint-Sulpice, cuja Companhia missionária de Maria foi alimentada por jovens licenciados espiritanos a partir de 1713.²⁶ A maior mudança no carácter missionário e educativo dos Espiritanos ocorreu na década de 1760, após a

expulsão dos Jesuítas. Não só tiveram de assumir interna-

mente, com grandes despesas, o resto da sua missão educativa - o primeiro dos que se revelaram repetidos exemplos de Espiritanos empurrados para se tornarem uma congregação de ensino muito para além do que teriam desejado - como também tiveram de preencher o vazio deixado no império ultramarino francês pelos missionários jesuítas. Dada a perda de tanto território durante a Guerra dos Sete Anos, este vazio não foi tão grande como poderia ter sido, mas as consequências foram consideráveis. Foi nesta altura

A maior mudança no carácter missionário e educativo dos Espiritanos ocorreu na década de 1760, após a expulsão dos Jesuítas.

que os Espiritanos foram chamados a servir mais formalmente, segundo o modelo das Missões Estrangeiras; embora houvesse precedentes, era difícil não pensar, tal como no caso da permissão, duramente conquistada, de usurpar o monopólio da Universidade sobre o ensino em Paris, que se tratava duma manobra dos apoiantes do governo real para manter o capital jesuíta em mãos tão amigáveis quanto possível. Durante os cerca de vinte anos que precederam a Revolução, os Espiritanos encontraram-se, a torto e a direito, não só entre os únicos, mas entre os principais herdeiros duma grande parte da estrutura institucional da

25. Koren dá alguns exemplos em: *Ends of the Earth* [Até aos confins do mundo], 32-36.

26. Montfort era ainda mais entusiasta, ainda mais devotado à pobreza e muito menos prático do que des Places, de modo que a sua congregação só se desenvolveu realmente alguns anos após a sua morte, em 1716. Os monfortinos são pouco estudados, mas Louis Perouas, "Les Montfortains en France depuis trois siècles : une esquisse historique [Os monfortinos em França durante três séculos: um esboço histórico]" representa uma boa fonte., *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, 110.3, 2003, 97-110, doi 10.4000/abpo.1377.

A Revolução e as perturbações políticas que se lhe seguiram fizeram os Espiritanos passar por vários episódios que quase os levaram à morte.

Igreja francesa pós-Reforma. Esta situação era certamente insólita e é difícil dizer o que eles fizeram dela; entre outras coisas, durou demasiado pouco tempo para atingir um equilíbrio estável. É certo que revelou e desenvolveu uma capacidade de adaptação e de improvisação que já era visível na fundação precária de des Places.

Mas há razões para pensar que, noutros aspectos, foi bastante insatisfatória e que, a longo prazo, teve um valor negativo, mostrando aos Espiritanos o que eles não queriam ser.

RUMO A UMA CONGREGAÇÃO REGULAMENTADA

Para começar, esta situação tornou ainda mais difíceis de discernir as fronteiras já difusas da comunidade espiritana. Para além dos "associados" oficiais, essencialmente o corpo docente e o pessoal do seminário e dos seus satélites, havia os seus alunos e antigos alunos, incluindo membros dum e doutro grupo que podiam ou não ter partido em missão por iniciativa dos Espiritanos; além disso, havia também padres não filiados nos Espiritanos, mas recrutados por eles para servir nos seus territórios de missão.²⁷ Qualquer que fosse o seu estatuto, uma vez que estes homens estavam no estrangeiro, o Superior tinha muito pouca autoridade sobre eles, especialmente em relação aos Vigários Apostólicos ou aos representantes reais no terreno. E, como os acontecimentos não tardaram a provar, a estreita dependência em relação aos apoios políticos e aos meios do governo era uma faca de dois gumes: a Revolução e as perturbações políticas que se lhe seguiram fizeram os Espiritanos passar por vários episódios que quase os levaram à morte. Neste caso, o que os distinguia era o facto de terem sobrevivido; de facto, a pequena dimensão e a situação periodicamente precária da primeira comunidade espiritana não eram atípicas das organizações religiosas católicas, muitas das quais nasceram e desapareceram sem deixar rasto. Joseph Bergin dá o exemplo duma congregação semelhante à de des Places, a do Pequeno Seminário, fundada por Raymond Bernal em 1638, na zona rural de Rouergue, que persistiu com um vigor cada vez menor até ser absorvida pelos Lazaristas no início do século XVIII.²⁸ É concebível que os Espiritanos poderiam ter sofrido destino semelhante, ou pior ainda, e por diversas vezes.

Um outro problema mais subtil, mas mais fundamental, deste empreendimento inicial dos Espiritanos como congregação missionária é que, ao contrário dos Sulpicianos de Montreal, por exemplo, os missionários Espiritanos (em todos

27. Ver a lista dos significados anteriores da palavra "espiritano", que incluía também os monfortinos, em Koren, *Ends of the Earth* [Até aos confins do mundo], 92-93n.

28. Ver Bergin, *Church, Society* [Igreja e Sociedade], 118.

os sentidos da palavra) não parecem ter estado muito empenhados na vida comunitária. Essa vida, desejada desde o tempo de Agostinho de Cantuária, deve ter parecido ainda mais importante quando o apoio do governo se tornou irregular e os missionários franceses no estrangeiro tiveram de lidar não só com os seus confrades católicos e não-cristãos, mas também com leigos e até (pela primeira vez desde meados do século XVI) com homólogos missionários protestantes franceses.²⁹ Não é de surpreender que Libermann e os seus contemporâneos entre os espiritanos pré-fusão, considerassem isto como uma prioridade máxima. Como Libermann afirma num memorando inicial para a formação da sua proposta de companhia, uma vida comunitária forte e laços de obediência no seio da companhia evitariam o "perigo iminente dum missionário estar isolado e controlar as suas decisões e acções" e ajudá-los-iam a "apoiarem-se mutuamente no fervor e na piedade", estabelecendo (tal como as fundações de seminários do século XVII) um exemplo útil e imitável para o clero secular local.³⁰ As reformas propostas pelos Espiritanos antes da fusão seguiram a mesma direcção de centralização e promoção da vida comunitária, como naturalmente fez a organização recém-fundada após 1848. A nível institucional, isto levou à organização formal em 1855 numa corporação numa congregação regular. Embora Libermann e seus contemporâneos tenham trazido muitas novidades e diferenças para a congregação, eles também foram capazes de reconhecer quando um retorno a outros modelos convencionais poderia ser do melhor interesse da congregação.

Uma vida comunitária forte e laços de obediência no seio da companhia evitariam o "perigo iminente dum missionário estar isolado e controlar as suas decisões e acções" e ajudá-los-iam a "apoiarem-se mutuamente no fervor e na piedade".

CONCLUSÃO

Com Libermann, os Espiritanos tornam-se verdadeiramente uma ordem missionária, numa forma que deve mais ao século XIX do que ao século XVII.

29. Sobre a renovação da atividade missionária protestante francesa no século XIX, ver Jean-François Zorn, *Le grand siècle d'une mission protestante: La Mission de Paris de 1822 à 1914* [O grande século numa missão protestante: A Missão de Paris de 1822 a 1914.], Paris: Karthala-Les Bergers et les Mages, 1993.

30. Extraído dum *Memoir to the Congregation for the Propagation of the Faith, March 17, 1840* [Memorando à Congregação para a Propagação da Fé, 17 de março de 1840], em Walter van de Putte, ed. *Provisional Rule of the Missionaries of the Holy Heart of Mary: Text and Libermann's Commentary* [Regra Provisória dos Missionários do Sagrado Coração de Maria: Texto e Comentário de Libermann]. Pittsburgh, Duquesne University Centro dos Estudos Espiritanos, 2015. 9. Comparar com Koren, *Ends of the Earth* [Até aos confins do mundo], 145-47.

Jotham Parsons

*Colectiva
e individualmente,
o que faz de nós o que
somos é a nossa
história.*

Para além das tendências religiosas, sociais e ideológicas deste e dos séculos seguintes, foram moldados, mais do que nunca, pelos povos com quem viveram e trabalharam, tendo o seu centro de gravidade se afastado decisivamente do Seminário de Paris. Não foram os únicos a fazê-lo - os seus antigos modelos, os jesuítas, também passaram por uma grande refundação e reconfiguração - embora, tal como no passado, o tenham certamente vivido de forma diferente de qualquer outro grupo. Mas, colectiva e individualmente, o que faz de nós o que somos é a nossa história, e a história que acabamos de delinear permaneceu uma parte inseparável da identidade espiritana. Em grande medida, o percurso atípico da primeira Congregação através da experiência comum do mundo religioso e político francês foi o que a tornou diferente. ■

*Jotham Parsons,
Professor Sénior de História,
Universidade Duquesne do Espírito Santo,
Pittsburgh, Pennsylvania, EUA.*

